

1. Chegando até Dardel

Apresentar o meio que permitiu o florescimento da obra de Dardel

1.1 A Geografia no início do século XX

A dobra do século XIX para o XX, no que concerne os interesses da história do pensamento geográfico, foi pautada pela cristalização da obra de Friederich Ratzel. A formalização de seu pensamento entre os anos 1880 e 1900, com a publicação de sua Antropogeografia, inseriu em definitivo a humanidade no discurso geográfico, orientando as teorias que de então se seguiram, inclusive suas imediatas oposições.

No exercício de leitura dos fenômenos de superfície, o geógrafo alemão pauta, para além de um determinismo vazio, a existência de uma relação direta entre o desenvolvimento das sociedades humanas e a natureza, tanto no sentido desta conduzir as decisões dos seres humanos, quanto destes em reorganizar a fisionomia -no sentido das características objetivas- do mundo, reorientando um novo ciclo deste processo. Esta reorientação do sentido da fisionomia terrestre traduz-se, para Ratzel, na paisagem, categoria analítica que evidenciaria o distanciamento do humano em relação ao meio natural. Dessa forma a concepção de paisagem ratzeliana não está atrelada a ideia de que as organizações humanas são o reflexo direto das determinações naturais; pelo contrário, propõe uma dialética que evidencia o papel ativo da humanidade em sua libertação cultural. É essa escola alemã, que traz o ser humano e a cultura para o debate geográfico, que fornecerá as bases para as proposições francesas em geografia.

1.1.1 Região, gênero de vida e possibilismo em Paul Vidal de la Blache

A paisagem ratzeliana seduz, na primeira década do século XX, o geógrafo e historiador francês Paul Vidal de la Blache, convidando-o a pensar as relações estabelecidas entre o homem e a natureza sob o ponto de vista de seu próprio

país, estruturado em uma divisão territorial a partir dos *pays*, estrutura à qual la Blache formalizará como região, entendida como o conjunto comum de leis físicas, biológicas, geológicas e de estruturas sociais de uma determinada área. É importante ressaltar aqui, porém, a diferença essencial, na forma como se dá a relação homem-natureza, entre a perspectiva vidaliana e a ratzeliana.

Para la Blache o meio natural, antes de ser algo que determinará uma atitude do homem, será fornecedor de uma estrutura à qual um povo irá empregar uma determinada forma de trabalho, dentre as tantas possíveis. Dessa forma a natureza não apenas entra como elemento dialético, mas como sugestionadora das intervenções, às quais cabe ao homem empregar. Essa forma pinçada, entendida como escolha, das possibilidades dadas, irá estruturar uma forma particular de um povo relacionar-se com o meio, forma essa que será conceituada por Vidal como *gênero de vida*.

O pensamento de Vidal angariaria um seleto número de geógrafos dentro dessa recém fundada *escola francesa de geografia*, conhecida também como *escola regionalista* ou, como preferiu Lucien Febvre, *escola possibilista de geografia*. Além de parte do pensamento de Febvre, derivaram dali os trabalhos de Jean Brunhes, Pierre Deffontaines e Max Sorre, que contribuíram inclusive para tensionar um aporte mais político para a geografia francesa.

1.1.2 Possibilismo e história em Lucien Fèbvre

Apesar do reconhecimento irrefutável da obra de Lucien Fèbvre como historiador, é necessário pontuar a aproximação dele com o debate interno ao pensamento geográfico.

Em 1922 é publicado o livro *A Terra e a Evolução Humana*, de L. Fèbvre, no qual são versados diálogos diretos com o que se consagrou como *possibilismo* em geografia. Leitor de la Blache, Fèbvre (1970) afirma serem as regiões naturais “simples ensembles de possibilités pour les sociétés humaines qui les utilisent, mais ne sont point déterminées par elles”, porém ataca diretamente o pensamento ratzeliano, ao qual dará a pecha de determinista. O esforço de Fèbvre em opor

Vidal a Ratzel -esforço aliás não empreendido pelo próprio la Blache-, no entanto, desdobrou-se em aspectos mais negativos do que positivos (MERCIER, 2009). Se por um lado essa atitude fortaleceu em importância o nome de Vidal de la Blache -contribuindo inclusive para o desenvolvimento da obra central desta pesquisa-, pelo outro cerceou a leitura da vasta obra vidaliana que há além do *possibilismo* -termo inclusive que Vidal nunca chegou a utilizar- e limitou maior divulgação dos textos de Ratzel, que demorou a perder o desmedido estigma de determinista.

Dois fatos interessam ainda à proposta aqui desenrolada: o primeiro diz respeito ao caráter “imperialista” do projeto de história de Lucien Fèbvre, que buscou limitar o campo de atuação da geografia (PEDROSA, 2013), principalmente no tocante à geografia política. O outro trata do aprofundamento das relações entre história e geografia. Fèbvre era historiador e fundou, ao lado de Marc Bloch, a *Revue des Annales*, importante veículo de divulgação e debate no campo da história, mas que dialogou frequentemente com temas internos à geografia, publicando inclusive a tradução de alguns textos de Ratzel, o que possibilitou certa aproximação das duas frentes de conhecimento e seus adensamentos epistemológicos (Idem).

1.1.3 A morfologia da paisagem de Carl Ortwin Sauer

Nos Estados Unidos dos anos 1920, quando a França já via estabelecido o debate dentro de sua escola regionalista, duas linhas de pensamento conflitantes se desenvolviam na geografia acadêmica. O Meio-Oeste do país vinha pautando pesquisas no lastro de uma geografia centradamente pragmática. Geógrafos formados em meio à cultura do pioneirismo norte americano buscavam técnicas e soluções que visassem otimizar as formas de exploração econômica do solo. Desenvolve-se para tanto novos modelos de cartografia e teorias de regionalização voltadas ao conhecimento utilitarista dos recursos naturais. É dessa escola que nasce a proposta dos *belts* estadunidenses (BONNEMAISON, 2004).

Em oposição ao determinismo produtivista e ao papel utilitarista dado à geografia pelos geógrafos do Meio-Oeste, Carl Ortwin Sauer, geógrafo recém contratado para lecionar na Universidade de Berkeley, na Califórnia, dá início a uma série de estudos que, inspirados principalmente nas obras de Ratzel e de la Blache, colocam a cultura em pauta de destaque no pensamento geográfico e dão estrutura a que se alicerçou como *escola culturalista de Berkeley*.

Schein (2005) ressalta a intenção de Sauer em se emancipar das teorias deterministas, o que ele ensaia realizar com a publicação, em 1925, do mais recordado artigo no âmbito da geografia cultural, *A Morfologia da Paisagem*. Neste longo e precioso texto, o professor de Berkeley propõe que a geografia deva pensar em uma metodologia morfológica para realizar a leitura das paisagens. Sauer busca se opor ao aporte que ele chama de fisiográfico, entendendo que a morfologia, por focar-se na relação entre os elementos, reflete melhor as aspirações de uma geografia de cunho cultural do que uma metodologia essencialmente descritiva dos fenômenos naturais, como as presentes no campo das ciências da terra. A proposta saueriana retoma a paisagem ratzeliana como objeto central da geografia, pois entende que ela, mais que a região de la Blache, concatena exemplarmente os fenômenos geográficos locais e permite sua leitura de forma empírica mais direta, positiva. Ao mesmo tempo, empresta dos dois geógrafos o aporte cultural, mas leva-o a outro patamar de importância, além ainda do possibilismo e do gênero de vida francês. Schein lembra que Sauer entende a paisagem cultural como “the result of culture’s action upon the medium of nature”, o que pode ser interpretado inclusive como uma certa reificação da cultura, já que ela passa a ser sujeito autônomo e ativo na formação dos fenômenos geográficos.

“A cultura é o **agente**, a área natural é o **meio**, a paisagem cultural, o **resultado**.”
(SAUER, 2004)

Apesar dessa objetividade auferida à cultura inscrita na paisagem, Sauer friza a necessidade do reconhecimento da subjetividade inerente ao observador, mas não desenvolve com maior acuidade o método de leitura e interpretação desse elemento subjetivo que irá impregnar o trabalho do geógrafo.

O pensamento saueriano inicia, com um tradicional pragmatismo científico, o que desenrolou ao que entende-se hoje como geografia cultural. Entretanto, é notório o número de acréscimos, subtrações e renovações que essa chave de pensamento em geografia encarou. Uma reestruturação importante vem com o grande desenvolvimento pelo qual passa a geografia política e a geopolítica -até então melhor evidenciados nas obras de Ratzel e Elisée Reclus-, a partir dos anos 1930, com as obras de Camille Valaux, Max Sorre, Pierre George, Michel Foucher, Pierre Gourou, Yves Lacoste e outros (PEDROSA, 2013), que trazem ao seio do debate cultural o viés político. Interessa-nos aqui, entretanto, uma outra releitura das propostas culturalistas, que será feita calcada em uma corrente filosófica que despontou também no limiar do século XIX e início do XX: a fenomenologia.

1.2 Eric Dardel

Eric Dardel (1899-1967) desenrolou sua vida profissional centrado na educação. Foi professor de história e geografia e diretor do Liceu Jean-Jacques Rousseau, um colégio experimental em Mortmorency, na França (HOLZER, 2011). Sua vida acadêmica, no entanto, foi bastante singular, no sentido de ter catalizado diferentes correntes de pensamento, mas que convergiam para a mesma ambientação fundamental, a de reconhecer e entender a razão e o sentido da presença da humana na Terra (CLAVAL, 2007).

Dardel foi um homem muito ligado à fé protestante. Seu sogro Leenhardt era pastor, além de etnólogo. O convívio com ele, bem como a proximidade com o historiador da religião Mircea Eliade e ainda com seu cunhado Henri Corbin, filósofo responsável pela introdução da obra de Martin Heidegger na França -e assim também responsável pela estruturação dos estudos de filosofia e fenomenologia de Dardel-, permitiram que suas ambições intelectuais florescessem e alcançassem respostas de maior solidez e profundidade. Em 1941 ele defende sua tese de doutorado, intitulada *La Pêche harenguière en France : étude d'histoire économique et sociale*. Em 1946 é publicado pela coleção Nouvelle Encyclopédie Philosophique, dirigida pelo filósofo Emile Bréhier, o livro

L'Histoire, science du concret, onde Dardel já traça uma relação de maior proximidade entre as preocupações da história e da geografia. É apenas em 1952, porém, que Eric Dardel entrega para publicação, nessa mesma coleção, a obra que nos interessa aqui: *L'Homme et la terre, nature de réalité géographique*, traduzida para o português em 2011, por Werther Holzer e publicada pela editora Perspectiva, em sua coleção Estudos.

2. O Homem e a Terra

Desenrolar a proposta geral da obra

2.1 Espaços geográficos

O espaço geográfico não é neutro. A passividade, diz Dardel, é condição do espaço geométrico, criado com as necessidades da assepsia matemática. O espaço geográfico é “um espaço substancial, irremediavelmente material. É o mundo da existência(...)” (BESSE, 2011), composto por diversos espaços únicos. Para Dardel (2011) “ele é sólido, líquido ou aéreo, largo ou estreito: ele limita e resiste”. O espaço geográfico é, em sua essência, ativo.

A partir destes pressupostos sobre o espaço geográfico, Dardel reformula o papel da geografia como conhecimento, opondo-a à objetivação cientificista do mundo ao aborda-la sob a ótica da hermenêutica. A etimologia grega do termo *geografia*, diz, evoca a ideia da *descrição*. Dessa forma “o termo grego sugere que a Terra é um *texto* a decifrar” (DARDEL, 2011). Isso implica reconhecer os fatos geográficos como signos e a geografia como portadora do papel de tradução e esclarecimento deste texto. É essa leitura da Terra que irá permitir ao homem reconhecê-la como condição e destino de sua própria existência.

Reconhecer a Terra como condição da existência humana evoca a exploração dos elementos subjetivos dessa relação, para tanto Dardel reivindica uma aproximação do discurso científico com a linguagem poética, pois é esta quem “fala’ sem dificuldade à imaginação” (DARDEL, 2011). O rigor científico é incapaz

de dar vazão às percepções que o ser humano tem sobre o mundo, que é a entidade com a qual ele se relaciona através de sua própria subjetividade. Conhecer o mundo é deixar-se invadir por essas percepções, como forma de “retornar a uma visão primeira do mundo que é a pressuposição de toda ciência, e que é ali que ela encontra finalmente seu sentido mais verdadeiro” (BESSE, 2006). No curso dos fatos, Dardel pontua que a geografia precede a ciência geográfica; que o espaço geográfico já era vivido antes da formalização dos termos; que foi a vontade de conhecer o mundo a responsável pela necessidade da criação deste campo do saber. “Há uma visão primitiva da Terra que o saber, em seguida, vem ajustar” (DARDEL, 2011). Pode-se reconhecer esse como o objetivo central da obra de Dardel, o de apontar a necessidade de “uma análise fenomenológica da relação visceral que o homem mantém com a Terra” (HOLZER, 2011).

Para explorar as formas pelas quais podemos conhecer o mundo, Dardel o divide em cinco tipos espaciais, que irão ao final concatenar-se sob duas categorias fundamentais do pensamento geográfico: paisagem e lugar.

2.1.1 Espaço material

Primeira atenção de Dardel é dedicada aquilo que é substância e molda o mundo, de forma visível ou não. Ele parte do oceano como representação do espaço geográfico, associando-o à ideia do infinito como aquilo que se abre diante de nós e “desafia nossas medidas e nossas limitações”. O infinito, contudo, se dá justamente a partir da matéria do oceano que, no horizonte, se confunde com o próprio espaço.

O espaço material é justamente aquele em que a natureza nos aparece talhada, como texto a se decifrar. Substancias ganham significado através do ser humano, ou seja, a materialidade não existe como algo ensimesmado, mas forjada em significados conforme se apresenta à humanidade e se realiza através de seus olhos: liberdade, resistência, vazio, desolação, opressão ou acolhimento, “(...) uma realidade percebida a partir dos desígnios do homem(...)” (DARDEL, 2011).

Para ele o antropocentrismo não é “uma imperfeição, mas uma exigência inelutável”.

Essa sensibilidade humana aos desígnios naturais precede sua quantificação científica. O deserto nos aparece quente, seco e desolador antes de “possuir” elevadas condições térmicas, baixo índice pluviométrico e reduzida densidade biogeográfica. O fenômeno é antes de *vir a ser*.

A matéria, compondo o espaço geográfico, é experimentada pelo homem “não como uma quantidade, mas como qualidade expressa em termos de *perto* ou *longe*” (DARDEL, 2011), dessa forma “a espacialização da matéria exige do homem um comportamento ativo onde a ‘distância’ é um elemento essencial na estruturação do mundo” (HOLZER, 2011). A distancia, o afastamento real de um lugar não será dado por unidades métricas cartesianas, mas vivido na sensibilidade em uma escala medida pelo esforço necessário para se superar um obstáculo. Isso importa quando Dardel afirma que não se deve acreditar na ideia de um papel exclusivamente ativo do ser humano. O pensamento ratzeliano perpassa as palavras de Dardel quando este afirma que ocasionalmente “o homem é *agenciado* pelo ambiente geográfico”, mas realiza esse apontamento a partir das relações íntimas e emocionais que o homem mantém com a Terra.

A natureza geográfica o lança sobre si mesmo, dá forma a seus hábitos, suas ideias, às vezes a seus aspectos somáticos. Ocorre que a floresta “esmaga” o homem, que a floresta virgem o “asfixia”, que a landa o inclina à melancolia (DARDEL, 2011).

As relações travadas com a Terra, mediadas pela ideia do afastamento, erguem nos homens a necessidade do direcionamento. A *direção* é o instrumento pelo qual os indivíduos poderão se orientar e estabelecer referências, além de se realizar como construtor de espaços quando constrói caminhos, estradas e canais. Esta ideia será retomada quando da discussão de outra ideia chave no pensamento dardeliano, que é a de *situação*, mas vamos aqui apontar o desdobramento deste direcionamento das vontades para a criação das regiões. Aproximando-se de la Blache, Dardel fala das regiões a partir de suas delimitações pelo habitat, mas dá a elas um valor subjetivo, pois serão “tomadas como centro de interesse” e possuem “um sentido primeiramente do vivido e um

valor afetivo”. Dessa forma, a região para Dardel é fruto das relações íntimas e das referências espaciais da experiência humana.

2.1.2 Espaço telúrico

A materialidade terrestre possui, para além da significação adquirida de sua superfície, características forjadas e vivas na imaginação. A criatividade humana, diz Dardel, responde à materialidade com a irrealização¹ de valores de uma experiência *primitiva* da Terra. As ideias de *profundidade*, *solidez* e *plasticidade* trazem o homem à intimidade de sua relação com a Terra, pois evocam percepções que não fazem parte da objetividade dos fenômenos geográficos.

O espaço telúrico de Dardel é esse onde trabalha o imaginário e para o qual o autor evoca o exercício de uma fenomenologia da imaginação, capaz de dar conta dessa percepção humana sobre as *densas* florestas, as *imensas* cordilheiras, os *profundos* oceanos, a *ondulação* das montanhas e *eternidade* das rochas. E é esse mesmo espaço da imaginação que inquieta o ser humano, pois lhe entrega o mistério, obrigando-o a dar andamento à curiosidade, à vontade de saber, assim como o deslumbre e o desejo de se encantar.

2.1.3 Espaço aquático

Dardel traz à centralidade do debate geográfico a água. Num sentido primeiro, por sua inevitabilidade: cobre mais de dois terços da superfície terrestre, moldando imperativamente o léxico da hermenêutica dardeliana. A água entalha o mundo.

Mas a água traz também suas condições menos objetivas. Dardel aponta a água como catalizadora da vida:

Lá onde não existe água, o espaço tem algo de incompleto, de anormal: o deserto, a superfície árida dos platôs calcários, sugerem naturalmente a ideia de morte. [...] Os homens e os habitats afluem ao longo dos vales e dos solos úmidos.
(DARDEL, 2011)

Há ainda um elemento chave no espaço aquático que é central para Dardel, que é o movimento. A água é essencialmente movimento e, no que concerne à natureza, é a melhor portadora dessa condição. Rios, mares, tempestades e pequenos córregos atravessam toda a Terra e a dinamizam. E é essa mesma propriedade da matéria que a torna desafio à razão: a onda é puro movimento material a nossos olhos, mesmo que se diga que ali, na vaga, há apenas energia. É o mar quem “lembra a nossa razão impaciente que os aspectos geográficos dão-se como ilusórios” (DARDEL, 2011).

2.1.4 Espaço Aéreo

Compõe também a geografia de Dardel a atmosfera, por sua capacidade de resignificar todos os espaços.

Primeiro o dia: a luz que nos entrega os corpos e os objetos, geografias a serem lidas. Atomiza a realidade, mas também altera nossa percepção com as condições da incidência dessa luz: manhã e tarde; sol nascente ou poente, são distintas as afecções a cada tonalidade dada pelo sol. Grafia cambiante, o mundo abastace o léxico moral dos homens: “‘frieza’ de um olhar, ‘ardor’ ou ‘calor’ de um discruso, acolhida ‘calorosa’ ou ‘glacial’ etc” (DARDEL, 2011).

À noite, no entanto, o mundo se *irrealiza*: os espaços se desfazem, homogeinizam-se, a Terra ganha feições menos contrastantes e mais amplas. As distancias desaparecem e o mundo parece nos escapar. A noite engole o sentido do mundo e o infinito espaço dos geômetras ganha lugar. Esse todo telúrico posto aos homens os distancia da Terra, pondo-a como “realidade exterior ao homem” e viva apenas através de seu mistério.

Tão logo outro dia nasça, materializa-se a Terra, novamente acessível, autorizando-nos, diz Dardel, uma “fenomenologia do espaço”. O sol nos retorna à geografia e “nos liberta da imensidão angustiante do espaço; ele o restringe, o condensa, nos torna acessíveis” (DARDEL, 2011).

Há ainda os sons e os odores, que preenchem esse espaço aéreo, saturando ou suavizando nossa existência; por vezes nos afastando mesmo de qualquer

materialidade que nos cerque, centrando a atenção em algo que não nos cabe através dos olhos.

Dardel associa-se novamente a Ratzel e la Blache quando, ao tratar da economia de alguns Estados do norte, relaciona seu desenvolvimento às condições climáticas, centralmente o frio, que teria polarizado nestes países setores produtivos relativos ao “transporte de alimentos e do conforto geral”.

2.1.5 Espaço construído

A realidade geográfica, diz Dardel, aparece ainda como manifestação dos “modos de *construção*” de cada agrupamento humano. Assim, as obras humanas são também signos dentro da hermenêutica geográfica dardeliana.

Ressalta-se, contudo, a relevância dos espaços contruídos ligados ao habitat do homem, elencando-se como espaços prioritários as cidades, vilas e aldeias. Dardel entende que cada um desses espaços construídos moldam um sujeito coletivo distinto: o camponês, com seu ritmo de vida desacelerado, podendo acompanhar o tempo da natureza, enquanto a cidade, obra inteiramente humana, existe como um horizonte em si mesma, cercando e formando um sujeito neurótico desde seu nascimento.

Sendo a cidade uma manifestação de um determinado “modo de construção”, assim como determinante de um *modo de vida*, ela irá se realizar como uma realidade geográfica através da rua, seu elemento constituinte mais orgânico, onde o sujeito urbano se realiza como sujeito social, onde se estabelecem as relações públicas, onde se forjam práticas e costumes dos mais diversos, mesmo que ela -a rua- não seja necessariamente percebida como um espaço participante e ativo no cotidiano.

A cidade existe em si mesma, diz Dardel. Dessa forma, possui o que ele chama de uma “função geográfica essencial”, realizada quando a cidade pulsa, se expande, se realiza ao abrir caminhos e erguer edifícios. É essa mesma “função essencial” que “coloca em cheque o alcance do olhar, apaga e submerge o

desenho natural dos lugares”, aprofundando o horizonte fechado em que se funda a urbe.

Contrapondo-se a esse caráter limitante que propõe a cidade, Dardel sugere que o homem possui, em sua relação primordial com a Terra, um ansêio pela mobilidade, expresso por sua condição de construtor de vias, materialidades que dão *sentido* (direção e significado) à vida humana, rompendo o limite visível do horizonte e apresentando-se como fenômeno da imaginação, propondo a existência de um espaço que está para além. A via “amplia o horizonte e dinamiza a paisagem”.

2.2 Paisagem

“Toda a geografia está na análise da paisagem”. Dardel, citando Lucien Febvre, elenca a paisagem como centro catalizador de todos os elementos geográficos, não de forma a apenas justapo-los, mas possibilitando “um conjunto, uma convergência, um momento vivido, uma ligação interna, uma *impressão*”. A paisagem aparece como um texto novo, mas que, insiste, não permite ser lido apenas com os olhos do cientista. “A paisagem pressupõe uma presença do homem”, pois é ele quem dá sentido a essa *impressão*.

A paisagem, para onde convergem os espaços dardelianos, coloca o sujeito em evidência ao confrontá-lo com sua própria *geograficidade*, relação de pertencimento e destino da humanidade com a Terra. Face à paisagem, o sujeito se reconhece e refaz.

Para ser geográfica, diz Dardel, a paisagem deve possibilitar o vislumbre de um espaço, real ou imaginário, que está além dela mesma, de seu horizonte. É através da paisagem que o homem se depara com a possibilidade de movimento oferecida pela Terra, colocando-se face ao mundo.

O ser humano, ao ordenar o solo, ao relacionar-se com os elementos da paisagem, inscreve na geografia desses lugares a sua verdade como sujeito social, como indivíduo atuante, portador de uma concepção de mundo. Ainda, por ser o detentor de uma verdade sobre o mundo e nele atuar diretamente, o sujeito

acaba por naturalizar elementos que são próprios de sua cultura, possibilitando um aprofundamento dessa relação.

Por ser um espaço nascido também de uma cultura, a paisagem permite que se faça dela leituras históricas e sociais, revelando mais da imbricada relação homem-natureza. Ela surge então também como um elemento temporal, como “um acontecimento”.

2.3 Lugar

A centralidade do lugar na obra dardeliana

2.4 Situação

A ideia de situação em Dardel

2.5 Geograficidade

“A geografia não é, de início, um conhecimento”. O entendimento de Dardel sobre a ciência geográfica é o de que esta funciona como um instrumento para que o ser humano conheça o planeta em que vive, sob um certo ponto de vista: o ponto de vista geográfico. A ciência geográfica almeja o que seria um “reconhecimento” do pertencimento da humanidade à Terra: ela, novamente, como condição e destino.

Nesse sentido, o sujeito reconhecerá o espaço que o rodeia, assim como os de sua memória e de seu imaginário como a realidade geográfica, pois é aí onde ele se reconhece como ator. A paisagem, imbuída de cultura, responde ao humano com acolhimento. Condição esta que pode, inversamente, “restringir” sua mobilidade, por atá-lo a uma condição de obrigatoriedade, de essência e territorialismo que opõe-se ao horizonte que se abre a partir da paisagem. O *meio* embute-se nas ideias, como se dali tivesse nascido; como se fosse inato.

O meio, a paisagem, a geografia enfim, que nos aparecem com a aura da realidade, são fenômenos que tomam forma através da “irrealização”, processo que simboliza e subjetiviza a objetividade contida neles. É por meio dessas formas, dessas irrealizações, que o ser humano exterioriza sua relação fundamental com a Terra, permeada pela “tonalidade”, pela “cor” de um estado de espírito, de um gênero de vida. Essa “cor”, sob a qual se realiza a geografia, é cambiante e permite que se reestruture a relação do sujeito com a Terra, alterando a “maneira de se remeter ao Ser”, tanto sob o ponto de vista afetivo quanto o presente em uma atitude lucidamente científica.

A *objetividade* da realidade geográfica é subjacente à *irrealização* sugerida pelo espírito.

Dessa forma, espaços podem ser “adormecidos” ou “despertados” pelo interesse sugestionado do indivíduo. Uma experiência pode conduzir a uma “reorganização dos espaços em unidade”, fazendo emergir novas singularidades e, portanto, novas formas do sujeito se relacionar com o Ser, levando-o a um novo “acordo” com o mundo e mesmo a um novo entendimento de si.

Essas experiências sugestionadoras, diz Dardel, podem se dar de forma imediata, espaço-temporalmente determinadas, como do conjunto de sentimentos que o vislumbre de uma paisagem outonal pode *despertar* em uma pessoa. Há aqui o entendimento de que algo parte do Ser, mas dependente da irrealização para nos aparecer.

Do que não nos aparece, senão como sensação e objeto filosófico, o *lugar* possui a peculiaridade de ser um ponto de partida. Algo para o qual o ser humano sempre se remete -mesmo quando em sua busca- como início. O *lugar* é o que há de geográfico para onde apenas além o indivíduo pode existir. É a referência máxima e “obscura” do Ser, que somente a partir do *aqui* pode ver emergir as possibilidades de um *lá*.

Dessa ideia, de que há uma referência “obscura” à humanidade, Dardel propõe a batalha que sustenta nossa existência, a do ser humano *versus* a Terra. Essa discussão, que ele retoma de Heidegger, embasa sua proposta de geografia como um fundamento do humano.

A Terra, entendida como a base de nossa existência, permanece contida em si mesma, portadora de objetividade própria, “escura” à humanidade na medida que, quando posta aos nossos olhos, à nossa *luz*, já não mais dialoga com sua auto-suficiência, mas com nossa leitura dela como texto. Se retiramos da Terra uma pedra, podemos analisá-la segundo um sem número de abordagens matemáticas, químicas e simbólicas mas, por mais que possamos “quebrá-la em mil fragmentos, [...] nela não encontraremos jamais qualquer coisa de “interior” que nos revele seu segredo”. Há um elemento terrestre obscuro à nossa leitura do mundo, dissimulando-se permanentemente da luz jogada sobre a Terra.

Esse elemento estranho à ciência é fundante da humanidade. Faz parte de sua essência ao ser seu meio. Sustenta sua existência sendo sua raiz. É sua condição e destino sendo sua *circunstância*. A Terra se esconde quando algo que lhe é próprio se torna exposto, tornando-se mistério e impulso humano.

A Terra chama a consciência humana para si sem desvelar-se inteiramente, comungando apenas com um sentimento de pertencimento. Retornamos a ela sempre que nos desligamos do mundo, quando cai a noite para a vida e a luz se retira das irrealidades, permitindo retornar o Ser a sua própria objetividade.

3. Percurso e influência da obra dardeliana

Buscaremos, neste capítulo, traçar o caminho percorrido pelo livro ‘O Homem e a Terra’, de Eric Dardel, após sua publicação, explorando a recepção da obra, bem como os trabalhos de autores que encontraram no pensamento do geógrafo francês um profícuo campo de discussão e de gatilhos teóricos, derivando-se em textos fundamentais para a Ciência Geográfica da segunda metade do século XX.

3.1 O reconhecimento tardio

Publicado em 1952, o livro O Homem e a Terra, de Eric Dardel, permaneceu esquecido em estantes de bibliotecas francesas por ao menos duas décadas (BESSE, 2011; CLAVAL, 2007; HOLZER, 2011), antes de ser citado por Edward

Relph em sua tese de doutorado, intitulada 'The Phenomenon of Place', defendida em 1973, que deu origem ao livro 'Place and Placelessness', "um marco da geografia humanista e da renovação do interesse pelo conceito de 'lugar' por parte dos geógrafos" (HOLZER, 2011). A primeira reedição do livro de Dardel só ocorreria em 1986, na Itália.

Apesar do reconhecimento tardio, o eco da obra foi significativo. Relph buscava, no início dos anos 1970, uma alternativa teórico-metodológica para a pesquisa em Geografia, que desse conta de superar os estudos positivistas e comportamentalistas que tentavam dar conta dos aspectos da percepção humana. Relph irá catalizar em seu entorno um grupo de pesquisadores, dentre eles Yi-Fu Tuan, interessado na abordagem fenomenológica em geografia. Influenciado pelos trabalhos de filósofos como Heidegger e Merleau-Ponty, Relph busca, através da perspectiva da experiência humana, diferenciar espaço e lugar (HOLZER, 2010), ao que a obra de Dardel oferece profunda fundamentação, por já ter tratado de separar as duas categorias em termos de apropriação, vivência e intencionalidade. É o próprio Relph (1980) quem diz que "the most complete investigation of the direct experiences of the world that underlie geography is that made by Eric Dardel (1952) in his study of the nature of geographical reality". As elaborações de Relph caminham no sentido de destacar a importância do *lugar* na Geografia, reconhecendo-o "espaço existencial" ou "espaço vivido". Ainda, diz que o espaço geográfico "is not objective and indifferent but full of significance for people" (RELPH, 1980). Essa passagem nos remete imediatamente ao espaço geográfico dardeliano, que "tem um horizonte, uma modelagem, cor densidade. Ele é sólido, líquido ou aéreo, largo ou estreito: ele limita e resiste" (DARDEL, 2011).

Holzer (2010), afirma que, para Relph, "os lugares, a partir das experiências antepredicativas, constituem os espaços", remetendo-nos à geograficidade de Dardel, baseada na relação primeordial do homem com a Terra.

3.2 Derivações

Trataremos neste segmento a permeabilização da obra de Eric Dardel nos trabalhos de autores diretamente vinculados à Geografia Cultural e Humanista, salientando a importância de suas ideias na construção do pensamento geográfico moderno. Faremos isso através de sucinta análise de textos de Yi-Fu Tuan e Augustin Berque, com maior ou menor aproximação aos textos completos, dependendo da possibilidade de acessá-los ou não, traçando as ideias sustentadas pela obra dardeliana.

3.2.1 Yi-Fu Tuan

Chinês, nascido no início dos anos 1930, Yi-Fu Tuan começou sua carreira acadêmica em Oxford, na Inglaterra, porém doutorou-se na Universidade da Califórnia, em Berkeley, em 1957.

Dois motivos essenciais nos levaram a escolher este geógrafo e seu trabalho para discutir à luz do pensamento dardeliano. O primeiro é o da importância inegável que Tuan possui para a história do pensamento geográfico, com uma obra significativa, tanto em volume quanto na profundidade e inovação dos temas abordados (PÁDUA, 2013). É hoje um dos mais importantes teóricos nos debates travados dentro da Geografia, especialmente nos campos da Geografia Cultural e Humanista, sendo referência quase obrigatória para os trabalhos desenvolvidos nestes campos.

Somada à importância de Tuan, que por si já justificaria sua presença neste trabalho, entendemos também que o cerne de seu trabalho é permeado por todo o debate geográfico proposto por Eric Dardel. Segundo Holzer (2010), “os temas centrais que motivavam as pesquisas dos geógrafos humanistas estavam, certamente, contemplados em ‘O Homem e a Terra’”, introduzido no debate da Geografia Humanista por Edward Relph, através de sua tese de doutorado.

Dessa forma, elencamos em três partes a aproximação das obras de Dardel e Tuan, sendo a primeira um entendimento inicial sobre a proposta de Geografia de

Tuan para, em seguida, tratarmos em separado os temas centrais de sua obra: espaço e lugar.

3.2.1.1 Geografia e geografia

Yi-Fu Tuan desenvolve, ao longo de seus trabalhos, um projeto de Geografia que deve ser entendido como humanista-fenomenológico, tomando como essências chave o *espaço* e o *lugar* (HOLZER, 2010, 2011; PÁDUA, 2013). Tuan busca pensar a Geografia não sob o aspecto positivo de uma Ciência Geográfica clássica, mas justamente a geografia em ato que antecede a ciência, imbuída da experiência humana de viver o mundo. Essa perspectiva já podia ser encontrada em Dardel (2011), quando este escreve que

(...) antes do geógrafo e de sua preocupação com uma ciência exata, a história mostra uma geografia em ato, uma vontade intrépida de correr o mundo, de franquear os mares, de explorar os continentes. Conhecer o desconhecido, atingir o inacessível, a inquietude geográfica precede e sustenta a ciência objetiva.

Holzer (2011) diz ser nebuloso precisar onde o livro de Dardel influencia os trabalhos de Tuan, levando-se em conta as aproximações deste desde o início de sua carreira com as obras, por exemplo, de Bachelard e Sartre, porém é notável a semelhança de sua geografia fenomenológica com a do autor francês. Tuan não utilizava a expressão *geografia*, cunhada por Dardel, mas a dimensão dada ao termo é aplicável também em sua obra. Quando pensamos na ideia de consciência geográfica exposta por Tuan, onde a ação espacial do indivíduo é intencional (PÁDUA, 2013), estamos nos remetendo diretamente à proposta dardeliana, onde o mundo é condição e destino do indivíduo, tornando inseparáveis sujeito e objeto.

3.2.1.2 Espaço

Em seu artigo de 1974, intitulado *Space and Place: humanistic perspective*, Yi-Fu Tuan diz que o espaço é uma entidade abstrata, mas que ao ser experienciado,

deixa-o de ser, pois mais próximo da razão. Essa afirmação mantém-se em outros textos seus (1978, 1983; 2012), solidificando um posicionamento humanista em sua teoria: o espaço, através da sensação, percepção e conceituação do indivíduo, torna-se mundo. Mundo, sob a perspectiva heideggeriana -que também sustenta os argumentos de Dardel-, é aquilo que nos é dado. É onde o ser humano é posto em vida. O mundo é inevitável pois é o lugar da existência. O mundo, o espaço vivido, é aquele trazido ao campo da Geografia por Dardel como espaço geográfico: é o espaço das relações, das apropriações, da existência, da condição de ser-aí.

O espaço abstrato de Tuan reside na escuridão de Dardel (2011). Não é onde o ser humano não consegue ir, mas onde ele não consegue voltar: o espaço original. A relação primordial do homem com o espaço é feita de forma “não-humana” (TUAN, 1974), animal, precedendo o pensamento, realizando-se apenas através da existência do corpo. Este espaço, que Tuan chama de original, é aquele que a narrativa dardeliana nos apresenta também como Terra (novamente evocando a fenomenologia de Heidegger). A Terra, aquela que tem sua aurora nos momentos em que o humano não está, que existe apenas fora do pensamento. É, no entanto, esta mesma Terra, este espaço original, que licencia o despertar das sensações e da percepção, através do reconhecimento do próprio corpo e de si (*self*) (TUAN, 1974), fazendo surgir o mundo e o geográfico. Quando o espaço original de Tuan (Terra/escuridão) desaparece, é o espaço vivido (mundo/luz) que ocupa sua posição. A noção de espaço para o autor está fundada essencialmente no aspecto biológico dos sentidos do corpo, antes de tornar-se uma abstração intencional do pensamento, assim como para Eric Dardel.

Outro importante aspecto encontrado na obra de Tuan (1974; 1978; 1983; 2012), quando da discussão sobre espaço, é o caráter essencial de movimento deste, que será importado da obra de Dardel. Segundo o geógrafo francês, há um termo que define a possibilidade do espaço: situação. A situação evoca a condição de pausa no tempo e no espaço (no movimento). A ideia de situação é criada em paralelo com a discussão sobre o *lugar*, que iremos abordar em suas particularidades no segmento seguinte, mas que aqui cabe introduzir em seus aspectos de *direção* e

afastamento. Segundo Dardel, quando paramos em um determinado lugar, vislumbramos o mundo e estabelecemos as condições de nossas intencionalidades, criando escolhas. Estas escolhas estão fundadas em nossa percepção das dificuldades em atingir os objetivos. A situação estabelece os caminhos e as distâncias entre nós e uma situação alhures (futuro). “A distância é experimentada não como uma quantidade, mas como uma qualidade expressa em termos de *perto* ou *longe*. O que está perto é o que pode se dispor sem esforço, o que está longe exige um esforço e, implicitamente, um desejo de se aproximar” (DARDEL, 2011), ao que Tuan (1983) escreve: “O lugar é segurança e o espaço é liberdade: estamos ligados ao primeiro e desejamos o outro”. Assim, o espaço é definido como o que não possui conteúdo, mas que impulsiona o ser humano a fantasiá-lo e disparar em busca da experiência e da liberdade, preenchendo-o com seus próprios sentimentos e embuíndo-o de intencionalidade, tornando-o vivido e, aos poucos, lugar.

A aquisição de afeição pelo espaço é materializada, segundo Dardel, por meio de um “vocabulário afetivo”, que é a forma encontrada pelos indivíduos em expressar seus sentimentos surgidos através de um “acordo” fundamental com a Terra que, “por mais modernos que sejamos”, não podemos escapar. Esse laço afetivo, baseado na relação original com o espaço (não-humano), será traduzido por Tuan como topofilia: “[é constituída por] todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material”. (TUAN, 2012)

Os laços e o vocabulário afetivo propostos pelos autores são expostos, em ambos, através da linguagem dos poetas, entendida como forma de universalização da relação homem-mundo e fornecedora de profundidade ao cientificismo abstrato.

Em 1952, Eric Dardel escreveu que o espaço geográfico é algo plural, composto por espaços dos mais diversos e que cabe ao geógrafo, como cientista, atuar no sentido de decifrar estes espaços em uma linguagem humana, através da experiência desbravadora e da aproximação poética. Tuan, ao aprofundar esse argumento sob a perspectiva humanista do indivíduo, propõe que a aquisição de intencionalidade do espaço se dá através da vivência, forma fundante de um espaço significativo que será chamado de lugar.

3.2.1.3 Lugar

A discussão sobre lugar ocupa, na obra de Tuan, um papel central. É esmiuçado em seus textos com grande profundidade, porém sem se afastar da essencialidade já apresentada na obra de Dardel, em duas escalas distintas e talvez sem o mesmo rigor semântico, mas sem perder em profundidade.

Para Dardel, o lugar essencial é, antes de qualquer outro, o mundo. O ser humano reconhece-o como familiar em seus espaços particulares, aceitando-o como condição e destino de sua existência. O mundo, assim como o lugar particular (o bairro, a casa, a esquina, o monumento), é constituído por um elemento subjetivo de afeição. No caso do mundo, pontua Dardel, isso se dá através do devir humano com raízes no espaço original, na Terra. Quando há maior especificação de localidade, o lugar se torna dotado de gatilho afetivo não mais por processos primitivos, mas pela construção das relações interpessoais e de cotidiano no espaço vivido. Esse espaço das experiências subjetivas pessoais é o lugar essencial de Tuan.

Ao discorrer sobre a ideia de lugar, Tuan (1974) aponta para a particularidade do lugar que, “like human beings, acquire unique signatures in the course of time”. Mais do que mera localização, o lugar é dotado de significação e personalidade persistentes, mesmo -ou ainda apenas sentidas- com o distanciamento. Novamente Tuan persiste no projeto de geografia dardeliana, onde o tempo é traço permanente nas discussões sobre o espaço. O lugar, em oposição ao espaço como movimento, é a pausa. É no lugar, diz Dardel, que se estabelecem as direções e distâncias.

‘Perder a localização’ é se ver desprovido de seu ‘lugar’, rebaixado de sua posição ‘eminente’, de suas ‘relações’, se encontrar, sem direções, reduzido à impotência e à imobilidade. (DARDEL, 2011)

Ao que Tuan (1974) associa à ideia de estabilidade e centralização da intencionalidade do *self*: “A place is the compelling focus of a field: it is a small world, the node at which activities converge”. Os lugares são as pausas para onde convergem os movimentos através do espaço. A partir deste momento, porém, Tuan dará início a um processo de distanciamento da obra de Eric Dardel.

Ao longo de *O Homem e a Terra*, encontramos elementos que nos permitem afirmar o reconhecimento do autor sobre a importância do cosmopolitismo e de percorrer o mundo, conhecendo-o, satisfazendo os anseios da geograficidade. Por outro lado, Dardel essencializa a relação dos homens com os lugares, pois são nesses espaços que o homem estabelece suas raízes, seus ciclos de relação, onde deposita sua confiança e seu sono. O ser humano, se não tem um lugar, está atrás dele, para poder firmar sua vivência e projetar o mundo.

Yi-Fu Tuan, apesar de centrar-se no debate sobre o lugar em seus textos ao longo de toda sua carreira, traça um percurso que irá diminuí-lo em importância, inclusive qualitativamente (PÁDUA, 2013). Ainda em livro *Topofilia*, publicado inicialmente em 1974, Tuan já esboça certa predileção pela vida urbana, ou por o que ele denominará “cidade ideal”. Segundo Tuan (1983),

A cidade libera os seus cidadãos da necessidade de trabalhar incessantemente para manter seus corpos e do sentimento de impotência diante dos caprichos da natureza.

Essa cidade ideal, como projeto humano, é emancipadora. Apesar de em alguns momentos caracterizá-la como lugar, há em Tuan um projeto cosmopolita para a cidade, de forma que ela aparecerá para os indivíduos como um bastião da liberdade, potencializando o movimento, tornando-a espaço e desestimulando o sentimento bairrista e isolador, próprio das comunidades e dos indivíduos apegados ao lugar.

Tuan, que fundamenta enormemente seus trabalhos em ideias e textos de autores da psicologia do século XIX e XX, trata com parcialidade e valoriza, em toda sua obra, o *self*. Este conceito, de problemática tradução para o português, representa “quem a pessoa é, sua identidade, o ego, caráter, comportamento e, sobretudo, intencionalidade” (PÁDUA, 2013). Para valorizá-lo, Tuan pontua que o indivíduo deva se emancipar da comunidade, que pode tolhe-lo de existir por completo ao submetê-lo à afeição e prioridades do lugar e do grupo. Em seu livro *Cosmo and Heart*, de 1996 (apud PÁDUA, 2013), chega mesmo a fazer um elogio ao individualismo: “Individualism can and does also mean, benignly, a person’s awareness of his or her own delight, benefit, even salvation (...)”.

Se pontuamos aqui o contraste com a obra de Dardel, vale ressaltar um comentário deste sobre o urbano.

Imensas populações nascem e se movem na grande cidade, um número enorme de homens é, praticamente, 'de desenraizados', sem ligações duráveis com a terra ou com um horizonte natural, seres nos quais os observadores mais 'objetivos' concordam em reconhecer o caráter irritadiço, volúvel, sujeito a psicoses ou a contágios afetivos. (DARDEL, 2011)

Não deve ser deixado de lado o fato de ser Tuan um cidadão norte americano, com a vida assentada em um alto padrão de vida ocidental, portanto com uma vivência urbana específica e que possibilita inclusive certa romantização da cidade, mas é exatamente este aspecto que nos deixa reticentes quanto a seu cuidado em compreender a geografia mundial apenas sob seu aspecto de vivência pessoal, um risco comumente criticado em autores da fenomenologia.

3.2.2 Augustin Berque

Augustin Berque (1942-) é um geógrafo francês, com pesquisas voltadas para o estudo da paisagem, tendo a filosofia e o orientalismo como eixo teórico. Filho de Jacques Berque (1910-1995), antropólogo e sociólogo especialista em Oriente Médio, Augustin Berque o acompanhou, durante a infância, em trabalhos nessa região. Em 1969, parte para o Japão, onde escreve sua tese (*Les grandes terres de Hokkaidô, étude de géographie culturelle*) e consolida uma formação acadêmica sutilmente descolada do cartesianismo ocidental.

Além do estudo dos filósofos japoneses Watsuji Tetsurô e Kitaro Nishida (MARIA, 2010), Berque centrou sua atenção a teóricos da fenomenologia, especialmente Maurice Merleau-Ponty e Martin Heidegger, sendo principalmente através deste último que as ideias de Berque e Dardel se cruzam para, então, distanciarem-se.

3.2.2.1 Geografia e ecúmeno

Em seu livro 'Ecoumène. Introduction à l'étude des milieux humains', Augustin Berque faz referência explícita à importância da obra de Dardel na construção de uma Geografia à partir do ponto de vista da ontologia heideggeriana (MARIA, 2010), ensejando a redução do abismo erigido entre sujeito e objeto, natureza e cultura. Para Berque, contudo, ainda existe uma grande demanda acadêmica para encurtar a distância -ou mesmo traçar algum caminho- entre o Ser e os lugares nos estudos de filosofia, da mesma forma observa uma dificuldade entre os geógrafos em apreender o Ser dos sujeitos que localizam.

Dire que la question de l'être est philosophique, tandis que celle du lieu, elle, serait géographique, c'est trancher la réalité par un abîme qui interdit à jamais de la saisir. C'est bafouer l'évidence de l'il-y-a, et du même coup biffer l'essence de notre existence, laquelle n'est rien sinon au sein de cet il-y-a. (BERQUE, 2009 apud MARIA, 2010)

Nesse esforço de nivelamento e aprofundamento das relações epistemológicas, Berque resignifica um conceito comum aos geógrafos: o ecúmeno. Tradicionalmente, nos lembra Maria (2010), o ecúmeno é entendido pelos geógrafos como as áreas do planeta habitadas pelo ser humano. Berque, por outro lado, pensa esta ideia sob um ponto de vista essencialmente relacional. O ecúmeno é, ao mesmo tempo, a síntese da Terra como morada do homem e do homem como habitante da Terra. "O ecúmeno é compreendido como uma realidade relacional: é a relação da humanidade com a superfície terrestre. O ecúmeno é, em uma só vez, a Terra e a humanidade." (MARIA, 2010)

Ces caractères valent à toutes les échelles de l'habiter humain, de la moindre hutte jusqu'à l'ensemble de l'écoumène. À toutes ces échelles, l'être humains ne vit pas seulement dans une relation écologique ; il existe dans la dimension de ce que Heidegger appelait la mondeité (Weltlichkeit). Cela signifie, pour ce qui nous concerne ici, que l'écosymbolicité de l'écoumène n'a rien à voir avec la neutralité du point de vue de la science moderne sur l'étendue ; elle implique en tant que telle une éthique, parce que tous les lieux y sont, toujours, chargés de valeurs humaines. (BERQUE, 1996 apud MARIA, 2010)

Podemos resgatar aqui o projeto de espaço geográfico de Eric Dardel, já para quem o mundo estava erguido sobre relações simbólicas entre a humanidade e a natureza, refratárias à redução científica, seja puramente sensível ou factual.

O relevo, o céu, a flora, a mão do homem dá a cada lugar uma singularidade em seu aspecto. O espaço geográfico é único; ele tem nome próprio: Paris, Champagne, Saara, Mediterrâneo. [...] O espaço geográfico tem um horizonte, uma modelagem, cor, densidade. Ele é sólido, líquido ou aéreo, largo ou estreito: ele limita e resiste. (DARDEL, 2011)

Da mesma forma, porém, que Berque diz encontrar esteio na obra de Dardel, é ele próprio quem assume seu distanciamento da fenomenologia dardeliana, ao considerar sua redução em importância dada às técnicas e aos fatores sociais, que entende serem essenciais na construção de uma Geografia que de conta do Ser.

En effet - sans parler de ses fondements bio-écologiques - de par sa socialité et sa technicité, notre être relève d'une histoire, dont la phénoménologie ne peut rendre compte à elle seule. (BERQUE, 2009 apud MARIA, 2010)

3.2.2.2 Paisagem

A paisagem, como conceito geográfico, ocupa um papel central nos trabalhos de Augustin Berque (MARIA, 2010). Necessariamente humana -ainda que apenas através da objetivação criada a partir de sua leitura-, a paisagem existe enquanto *relação* com o humano. Para Berque (2004) “a paisagem e o sujeito são co-integrados em um conjunto unitário, que se autoproduz e se auto-reproduz”, dentro de um esquema de paisagem-marca e paisagem-matriz.

“A paisagem é uma marca, pois expressa uma civilização” (BERQUE, 2004), é um produto histórico. O estudo da paisagem-marca, sob uma ótica positiva, pode se dar por meio da inventariação de seus elementos, uma vez que eles se apresentam como forma. No entanto,

Muito mais que uma justaposição de detalhes pitorescos, a paisagem é um conjunto, uma convergência, um momento vivido, uma ligação interna, uma “impressão”, que une todos os

elementos. [...] Ela coloca em questão a totalidade do ser humano, suas ligações existenciais com a Terra, ou, se preferirmos, sua geograficidade original: a Terra como lugar, base e meio de sua realização. (DARDEL, 2011)

Dessa forma, Dardel está embasando a paisagem-matriz de Berque, quando este escreve que ela

participa dos esquemas de percepção, de concepção e de ação - ou seja, da cultura - que canalizam, em um certo sentido, a relação de uma sociedade com o espaço e com a natureza. (BERQUE, 2004)

A paisagem, portanto, possui um caráter *plurimodal*, atuando simultaneamente como agente ativo, passivo e potencial, ou seja, ao mesmo tempo em que é vista e trabalhada pelo sujeito, ela determina o olhar como ele a vê, pois ela exprime um valor humano histórico, forjando uma experiência estética e moral que irá ordenar uma reformulação da conduta desse sujeito que, assim, adquire igualmente um caráter plurimodal (ativo-passivo-potencial) (BERQUE, 2004), realimentando o ciclo.

Berque insistirá, contudo, na ideia de “que o sujeito em questão é um sujeito coletivo”. Essa afirmação é importante na medida da garantia de que, no esquema de percepções e relações do indivíduo com a paisagem, não é somente ele quem está em questão, como na fenomenologia dardeliana, “mas tudo aquilo pelo qual a sociedade o condiciona e o supera” (BERQUE, 2004).

¹ Transcrevemos aqui a Nota da Tradução do livro de Dardel, feita por Werther Holzer, pois consideramos seu conteúdo indispensável para o entendimento deste termo utilizado pelo autor. “Este termo é devido a Sartre, como nos esclarece François Nouldelmann, em ‘L’Imagination’: ‘Uma das principais contribuições de Sartre à fenomenologia da imaginação refere-se à definição da consciência imaginante (*imageante*): para que uma consciência possa imaginar, é necessário que transcenda o mundo e o coloque à distância. A possibilidade de imaginar implica uma ‘irrealização’ (*irréalisation*) que permite se presentificar (*présentifier*) uma coisa ou uma pessoa a título de sua ausência. Na sua intenção mesma, a consciência visa o objeto ainda que ausente, ela o ‘nadaifica’ (*néantise*). A partir de um representante análogo (*l’analogon*), a consciência imaginante irrealiza um objeto, que transforma em imaginário. A operação vale tanto para o produtor das imagens, o que imagina o seu amigo ausente, quanto para o observador que recompõe as figuras de um quadro’. Disponível em: <http://expositions.bnf.fr/Sartre/arret/imagin.htm>. Acesso em 28/11/2013”

BERQUE, Augustin. Paisagem-Marca, Paisagem-Matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. *In*: CORRÊA, R. L.; ROZENDAHL, Z. (Org.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro : EDUERJ, 2004.

BESSE, Jean-Marc. Geografia e existência a partir da obra de Eric Dardel. *In*: DARDEL, Eric. **O homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. São Paulo : Perspectiva, 2011.

BESSE, Jean-Marc. **Ver a terra**: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia. São Paulo : Perspectiva, 2006.

BONNEMAISON, Joël. **La géographie culturelle**. Paris : C.T.H.S., 2004.

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. Florianópolis : Ed. da UFSC, 2007.

CLAVAL, Paul. **Histoire de la géographie française de 1870 à nos jours**. Paris : Éditions Nathan, 1998.

DARDEL, Eric. **O homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. São Paulo : Perspectiva, 2011.

FEBVRE, Lucien Paul Victor. **La terre et l'évolution humaine** : introduction géographique a l'Histoire. Paris : Albin Michel, 1979.

HOLZER, Werther. **A influência de Eric Dardel na construção da geografia humanista norte americana**. Porto Alegre : XVI ENG, 2010.

HOLZER, Werther. A geografia fenomenológica de Eric Dardel. *In*: DARDEL, Eric. **O homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. São Paulo : Perspectiva, 2011.

MARIA, Yanci Ladeira. **Paisagem**: entre o sensível e o factual uma abordagem a partir da geografia cultura. São Paulo : Dissertação de mestrado/USP, 2010.

MERCIER, Guy. **A região e o estado segundo Friedrich Ratzel e Paul Vidal de la Blache**. Niterói : Revista GEOgraphia, 2009.

PÁDUA, Letícia Carolina Teixeira. **A Geografia de Yi-Fu Tuan**: essências e permanências. São Paulo : Tese de doutorado, 2013.

PEDROSA, Breno Viotto. **Entre as ruínas do muro**: a história da geografia crítica sob a ótica da ideia de estrutura. São Paulo : Tese de doutorado/USP, 2013.

RELPH, Edward. **Place and placelessness**. London : Pion Limited, 1980.

RÖD, Wolfgang. **Caminhos da filosofia**. Campinas : Ed. da Unicamp, 2008. v.02

SAUER, Carl. O. A morfologia da paisagem. *In*: CORRÊA, R. L.; ROZENDAHL, Z. (Org.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro : EDUERJ, 2004.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo : Difel, 1983.

_____. Espaço, Tempo, Lugar: um arcabouço humanista. Niterói : Revista Geograficidade, 2011. v.01, n.01

_____. **Space and Place**: humanistic perspective. *In*: GALE, S.; OLSSON, G (eds.). *Philosophy in Geography*. Dordrecht, Reidel Publ. Co., p. 387-427

_____. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Londrina : Eduel, 2012.